



Nilton dos Santos

 **Data Nascimento :** 16/05/1925



 **Local de Nascimento :** Rio de Janeiro

Clubes

Vestiu apenas duas camisas em toda sua carreira de jogador de futebol: a do Botafogo carioca, que defendeu por 17 anos em 716 jogos; e a da Seleção Brasileira, pela qual fez 75 jogos oficiais e dez não oficiais e marcou três gols.

Principais Títulos

Campeão Carioca em 1948, 1957, 1961 e 1962; Rio-São Paulo (1962/64); Copas do Mundo de 1958 e 1962; Copa América de 1949; Pan-americano de 1952.

Posição

Lateral Esquerdo



"Eu invejo os laterais de hoje. Não pelo dinheiro que eles ganham, mas pela liberdade que têm para jogar", confessa hoje, aquele que é considerado o maior lateral-esquerdo da história do futebol mundial, não é a toa que foi apelidado de **"Enciclopédia do Futebol"**.



Nilton dos Santos, bicampeão mundial com a Seleção Brasileira, tetracampeão carioca com o Botafogo, além de vários outros títulos internacionais, sempre com as mesmas camisas, foi o responsável por mudanças táticas em várias seleções e clubes do



mundo e também por um novo papel do lateral em campo.



"Eu sempre gostei de atacar, mas fazia com cuidado, pois se o time tomasse um gol naquela hora eu ia parar na força", lembra. Nilton Santos reconhece que foi favorecido na época. "Tinha a vantagem de ter Garrincha no meu time. Ele atraía o jogo para a direita e eu aproveitava para dar minhas arrancadas. Consegui fazer 11 gols pelo Botafogo e três pela Seleção Brasileira, o que era um absurdo na época. Creio que fui um dos primeiros laterais a atacar e não só a marcar", reconhece.



Nilton Santos era um jogador clássico, elegante, raramente fazia falta e nunca jogou com violência. Começou a carreira como centroavante, mas foi colocado como quarto-zagueiro em um treino e logo em seguida firmou-se na lateral. A obsessão pelo ataque, no entanto, permaneceu e o fez inovar o futebol de sua época, com suas "estranhas arrancadas" pela esquerda.



Dono de um futebol refinado, hábil, chutava e driblava com ambas as pernas - coisa rara na época. Em campo, exercia uma liderança discreta, mas firme. Jogadores como o Amarildo, que substituiu Pelé na Copa de 1962, o próprio Pelé e Garrincha, de quem era considerado o melhor amigo e compadre, o respeitavam muito.



Na Copa do Mundo de 1962, no Chile, Nilton Santos conseguiu conter os ânimos do estourado Amarildo, que não de graça tinha o apelido entre seus companheiros do Botafogo de Possesso. "Eu e o Didi chamamos o Amarildo e falamos que os espanhóis iriam tentar irritá-lo e que ele teria de se controlar para não ser expulso. Ele entendeu o recado e se comportou maravilhosamente bem. Parecia um anjo dentro de campo", lembra.



Ainda na Copa de 1962, ocorreu um lance que marcou a vida de Nilton Santos e a história do futebol brasileiro. O jogo era contra a Espanha, válido pela última rodada da fase de classificação, e decisivo. Quem perdesse, voltava para casa. Nilton Santos, então já com 37 anos, conta o que aconteceu: "Começamos mal e tomamos um gol no primeiro tempo. O técnico espanhol colocara um cara novo e veloz em cima de mim, mas ele era canhoto. Ele ganhava todas as corridas, mas na hora de cruzar, tinha que ajeitar a bola para a perna boa. Nessa hora, eu chegava e roubava a bola. No segundo tempo, a mesma jogada se repetiu, mas, na hora de cortar a bola, acabei derrubando o espanhol dentro da área. Instintivamente, dei dois passos e saí da área. O árbitro estava longe, não viu e marcou falta e não pênalti. Foi pura malandragem, daquelas que a gente aprende nas peladas." Depois desse lance, os espanhóis desmontaram, ao mesmo tempo em que Mané Garrincha começava a dar seu show particular, driblando os adversários de todas as maneiras. Numa dessas jogadas, Amarildo empatou o jogo. Os espanhóis entraram em desespero. Todo mundo recuou na tentativa de parar o Mané das 'Pernas Tortas'. Mas não teve jeito e em outra jogada do ponta-direita brasileiro Amarildo fez seu segundo gol na partida, o da vitória



brasileira. Hoje, Nílton afirma que, embora não tenha feito gol naquela partida e nem mesmo jogado tão bem, aquele lance do pênalti acabou sendo decisivo.



Romântico, não ligava para dinheiro. "Eu acho que sempre fui amador. Cheguei a assinar três contratos em branco, no auge de minha carreira", diz. Mas ele não se arrepende. "Faria tudo de novo, outra vez. Tudo o que tenho, tudo o que eu sou, eu devo ao Botafogo."



Seu outro amor, talvez o principal: a bola. "É a minha vida. Foi quem me deu tudo. Nunca me traiu, nunca me bateu na canela. Sempre me obedeceu. Minha bola é minha vida", confessa.



Nílton Santos começou no time carioca em 1948. Em 1950 já participava de sua primeira Copa, na reserva. "Foi muito triste ver o Maracanã silencioso. Deu vontade de fugir". Depois de um Mundial regular na Suíça, em 1954 ("foi uma bagunça geral") teve sua grande chance na Suécia, em 58.



Na véspera da final contra os suecos, confiante, chegou a declarar a alguns repórteres que queriam saber se ele dormiria tranquilo: "Pelé, Garrincha e Didi jogam no nosso time. Os suecos que passem a noite em claro pensando em como marcar o Brasil. Eu vou dormir sossegado". O resultado todos sabem: 5 a 2 para o Brasil.



Outra passagem marcante na carreira de Nílton Santos foi a de um gol na Copa de 58. O Brasil vencia a Áustria por 1 a 0, no começo do segundo tempo. Nílton pegou a bola na defesa e começou a avançar: "Volta, Nílton", gritou do banco Vicente Feola, técnico do Brasil. O lateral continuou correndo e ultrapassando os adversários. Já quase na intermediária, ouviu novamente: "Volta, Nílton". Mas fingiu não ouvir e chegou à entrada da área austríaca: "Volta, Nílton", berrava Feola, quase se esgoelando. Nílton chutou com maestria da entrada da área, marcou o segundo gol brasileiro, que levou o público ao delírio. "Boa, Nílton", murmurou Feola, já se sentando no banco novamente. 1962 foi o ano de ouro para o lateral. Conquistou o bi mundial no Chile com a Seleção e bi carioca com o Botafogo, numa final histórica contra o Flamengo, com show de Mané Garrincha. E em 1964, ele abandonou o futebol e o Botafogo, aos 39 anos.



Embora tenha parado de jogar, Nílton Santos não se afastou do futebol. Em 1998, tocava um projeto de uma escolinha de futebol em Palmas, Tocantins, para crianças carentes. Mesmo declarando que nunca sonhou em ser treinador de futebol - "é muito desgastante" - chegou a treinar o Bonsucesso, modesto clube do subúrbio do Rio de Janeiro, depois de passar, sem grande êxito pelo Gálícia e Vitória, ambos times da Bahia.





Ele também lançou, em 1998, um livro autobiográfico com o apropriado nome de "Minha bola, minha vida", pela editora Gryphus. Certa ocasião, solicitado para se autodefinir, Nilton disse: "Sou um cara que só jogou futebol em um clube. Encerrei minha carreira com quatro meniscos, o que prova que tinha bom equilíbrio. Sou muito feliz e tenho a minha consciência tranquila. Quando tenho sono, durmo em cinco minutos. Minha religião é não fazer mal a ninguém e, se puder, ajudar o próximo".



Torcida organizada AMAPAFOGO

A melhor do Estado. E ninguém cala esse nosso amor!

